

## Bilhete de parabéns em papel de tornassol

**Q**UE significa para mim a *Seara Nova*? Que papel desempenhou na minha formação intelectual e cívica? Que lugar tem hoje a *Seara* nas leituras que procuro, nos convívios — intelectuais, políticos — que me agradam, nos quais encontro comunhão e estímulo?

E outras perguntas ocorrem, também: Que é a *Seara Nova* para o português de hoje? Que é a *Seara* para o homem de esquerda do Portugal 1971? Se a *Seara* é o órgão de uma corrente de esquerda, qual o denominador comum dessa corrente? E como a encaram — para usarmos fórmulas sergianas — «as outras secções democráticas», «as outras orientações do esquerdismo»?

Não serei eu a responder a estas perguntas; mas a elas importaria dar resposta. No júbilo comemorativo de meio centenário os companheiros de viagem *desta Seara*, não podem prescindir da exigência crítica, do frio juízo, da lucidez (amiga-inimiga implacável). Cumpre-nos aliar o calor fraterno e o rigor. O balanço histórico-crítico de cinquenta anos de *Seara Nova* não deverá furtar-se à verificação de quantas *searas* vivem (convivem, sobrevivem) na *Seara* *cinquentenária*.

A *Seara* negaria (não escrevemos a dura palavra: atraioçaria) as suas responsabilidades de «revista de doutrina e crítica», se consentisse que um cinquentenário comemorável servisse de pretexto para unificar, igualizar, confundir as diferentes e sucessivas *Searas*. Integrar as experiências político-culturais de *Searas* diferentes seria uma atitude anti-seareira, anti-crítica. Na piedade comemorativa, e no comemorativo alvoroço, não podemos esquecer que uma só figura de seareiro se avantajava e impõe como sinal e nexos do passado, do presente e do futuro da *Seara*. Falamos, como é óbvio, de António Sérgio.

A *Seara* que conheci, no regresso de António Sérgio do segundo exílio, sem Raul Proença, sem Jaime Cortesão, sem João Sarmento Pimentel, presidida à distância pela nobre figura de Mário de Azevedo Gomes e dinamizada pela bulhosa e afável presença de Câmara Reis, não constituía um grupo político-cultural coeso e coerente. Tê-lo-ia sido algum dia? No plano político? No plano filosófico?

Não foram, também, *seareiros* um Quirino de Jesus, um Ezequiel de Campos?

A *Seara* política da época do parlamentarismo republicano, com directo e breve acesso ao poder pela mão de Álvaro de Castro, em 1923; com indirecto e efémero acesso ao poder pela mão de José Domingues dos Santos, em 1924, (cf. João Sarmento Pimentel, *Memórias do Capitão*, pág. 274); armou os seus leitores em relação à demagogia dos republicanos liberais mas não os armou contra o assalto ao poder dos anti-liberais monárquicos e republicanos.

A crítica da nossa «Primeira República foi gizada numa perspectiva de fomento electro-agrário-industrial já «desenvolvimentista» (Ezequiel de Campos), ou alicerçada nos vícios da gestão financeira (Quirino de Jesus), ou no carácter atrabiliário do funcionamento das instituições políticas (Raúl Proença), ou na desilusão do operariado (Emílio Costa), ou em critérios de justiça humanitária (Raúl Brandão), ou em erros da política agrária (Mário de Azevedo Gomes) — só Sérgio integrou na sua doutrinação e na sua obra todos os aspectos positivos dessas críticas.

Não incorro na história, domínio reservado do *seareiro* David Ferreira, cujo saber, feito de participação, evidentemente respeito. Não, não se trata de história. Nem de balanço crítico. Escrevo estas laudas a traço largo. Sirvo-me do bordão da memória, de raros livros, de papéis de acaso, para delinear o esboço tosco de uma análise.

A *Seara* — *dizia* — soube marcar a sua *diferença* em relação aos partidos empenhados no jogo de construir e de destruir a «República». Na afirmação dessa *diferença*, houve-se com ímpeto polémico, agudeza crítica, brilho doutrinário. Mas do negativo para o positivo, faltou-lhe garra. A tal inibição portuguesa para o remate, na política como no futebol.

Não esqueço a crítica do «integralismo lusitano» e outras batalhas de ideias. Sublinho, por evidentes razões, a crítica dos erros e da inconsistência doutrinária da democracia (liberal, republicana, burguesa — deixo ao leitor a escolha do qualificativo) que ia sendo trabalhada por factores externos e internas contradições para a contra-revolução. A crítica da *Seara* visava, é certo, como bem explicou Raúl Proença: «defender a Democracia de certas concepções que, autorizando-se dela, não fazem mais afinal, do que perverter as suas ideias essenciais.» O texto — que ironia! — está datado de 1927. Respeitável era a intenção. E o resultado? Nem o exercício da livre crítica, nem o apostolado cívico, nem a pregação pedagógica, se revelaram uma *via reformista* possível; de modo algum uma *estratégia política*. Quando no quadrante nacional sopraram os ventos da reacção, os *seareiros*, homens de esquerda, assumiram a resistência, reagiram com as armas de bordo: Raul Proença escreveu os *Panfletos*; António Sérgio publicou a sua *Antígona* (1930). Enquanto os Quirinos de Jesus, os Ezequiel de Campos, se pavoneavam nas antecâmaras e nas câmaras do novo Poder, eles mergulharam na acção oposicional, calcuaram os caminhos do exílio.

Podemos compreender os imperativos (os constantes apelos ao imediatismo da acção) que levaram a *Seara* a esbater *diferenças* em relação a outros grupos políticos e a compartilhar a sorte comum. Essa foi uma das razões de não ter elaborado uma *estratégia*. Mesmo na *táctica*, os *seareiros* e seus adictos, se dispersaram. Na resistência solidários mas incapazes de realizarem uma comum *prática política*. Até na conspiração «putschista» se dividiram: António Sérgio num grupo (com o Tenente-coronel Ribeiro de Carvalho); Jaime Cortesão noutro grupo (com o Capitão Nuno Cruz). E dos companheiros mais novos enquanto uns se limitaram à crítica (consentida) e (ou) à pregação (consentida), outros, de que citamos como exemplo o escritor-cidadão Manuel Mendes, optaram, com audácia, pela intervenção militante.

Jaime Cortesão que tinha naturais qualidades de homem político, regressou do longo exílio com uma obra notabilíssima de historiador. Não escreveu história para se libertar do passado, como sempre fez António Sérgio, mas para se libertar da saudade e amar mais radicalmente o povo. No ocaso de Sérgio exerceu, em cooperação fraternal com Mário de Azevedo Gomes, um magistério cívico corajoso, de uma dignidade exemplar. Raul Proença não regressou como homem político. Na noite caliginosa da doença incurável, a espaços se suscitaram esperanças. As páginas que ainda escreveu confundem claridades e sombras. Raul Proença sentiu-se sempre atraído pela actuação cívica, pela intervenção política. Da *Alma Nacional* (de que foi director o tribuno republicano António José de Almeida) à *Seara*, não esquecendo a *Pela Grei* (1918-1919), já com António Sérgio, a sua actividade de publicista é um incansável batalhar de ideias. A sua crítica da *Trahison des Clescs*, de Benda, postula o verdadeiro dever dos intelectuais. Mas a força do polemista, a veia sarcástica, a superioridade de uma inteligência rútila, a diligência crítica, não eram servidas por uma cultura (filosófica e científica, sociológica e histórica, literária e artística), sistematizada e reelaborada por uma fina reflexão pessoal, como em Sérgio.

Nos anos trinta, a *Seara* é António Sérgio. A orientação da *Seara* define-se nos escritos que Sérgio nela publica. Como já assinalou V. de Magalhães-Vilhena, esse é o «período ideologicamente mais rico e significativo da *Seara Nova*». (Cabe aqui lançar as perguntas: Da *velha Seara*? de uma *segunda Seara*?). «Animados» e «congregados» os *seareiros* — são de V. de Magalhães-Vilhena estas palavras — «pela sua acção doutrinária e política». O que não foi isento de dificuldades e de espinhos, todos os sabemos.

Mas, como justamente nota V. de Magalhães-Vilhena: «É característico que em todas as referências de Sérgio aos grandes problemas da época, o conflito fundamental, aos seus olhos, não é nunca o que opõe os burgueses republicanos aos monárquicos burgueses. Sérgio que logo vira nos seus primeiros estudos o papel decisivo da luta de classes e do imperativo económico na história de Portugal, não se podia acomodar com uma ideologia republicana insuficiente-

mente formulada, e, por muitos dos seus aspectos, fundamentalmente ao serviço da grande burguesia e do capital.» Ele é em face dos democratas liberais republicanos, antes e depois de 1926, *diferente*, mas não *indiferente*. Logo em 1924 (veja-se a meritória *Antologia dos Economistas Portugueses*), António Sérgio escrevia: «cumpro sublinhar isto. O essencial da democracia não é o Parlamento, nem a eleição: é sim a democratização do crédito, do trabalho, da higiene, da propriedade». E em 1938, numa página da *Seara Nova*, esclarecia o seu pensamento: «não se realiza a justiça só do exterior para o interior, das instituições económicas para a consciência: há que buscá-la tam-

denunciar «os males profundos de natureza económica», lançar aos Sancho Pança da tecnocracia e da plutocracia o desafio de congregar os mais novos e os ventres-ao-sol — na formosa expressão de Fernão Lopes — para o «ímpeto quixotesco de tentar o impossível».

Vai longo este bilhete de parabéns. Não tenho a colecção da *Seara* sobre a mesa. Falo de memória. Os lapsos involuntários, os aparentes (ou reais) esquecimentos, poderão, também, ser entendidos como valorizações críticas de um leitor que criticamente retém ou esquece. Não esqueci que foram *seareiros* alguns dos maiores escritores portugueses do nosso século:



Jaime Cortesão regressou do longo exílio com uma notabilíssima carreira de historiador

bém de dentro para fora, da consciência para as instituições, do espírito para a economia».

(Citações estas que devem ser consideradas, não nos termos da controvérsia entre R. Garaudy e L. Althusser, mas nos quadros ideológicos e políticos do Portugal de 1921 a 1938. Será necessário recordá-lo aqui e agora?)

A saída de António Sérgio da *Seara* — à qual o seu nome ficaria para sempre ligado — abriu um período de crise, de crises. A *Seara* (unitária) de Fernando Lopes Graça não sobreviveu ao momento político em que surgira. E o grande mérito de Câmara Reis — cumpro reconhecê-lo mormente na altura desta comemoração cinquentenária — foi o de, à beira de uma caótica situação político-administrativa, ter sabido criar as condições de continuidade e de rejuvenescimento que conduziram, com acidentes de percurso, à *Seara* dos nossos dias. A esta *Seara* fiel à orientação sergiana: «incitar os espíritos à problemática, acordar os leitores de quaisquer «sonos dogmáticos», abrir as avenidas da discussão fecunda»;

Raul Brandão, Manuel Teixeira Gomes, Aquilino Ribeiro, José Rodrigues Miguéis, Irene Lisboa; não esqueço um Rodrigues Lapa e não esqueço um Alberto Candeias; não esqueço os *seareiros* de um combate como Alberto Araújo e Maria Isabel Aboim Inglês; os *seareiros* de um diálogo como Adeodato Barreto; não esqueço os discípulos inscritos, ou livres, da grande escola da *Seara*, como V. de Magalhães-Vilhena, V. de Magalhães Godinho, Álvaro Salema, Rui Grácio, Joel Serrão. E não esqueço sequer os *seareiros* por equívoco ou por oportunismo.

De quantas searas se fez esta *Seara*? De quantas sementeiras a messe cinquentenária?

Resumo o que penso da actual *Seara Nova* em poucas palavras: uma publicação necessária. E recordo ao afirmá-lo uma frase de Raul Proença: «O que há de vivo na tradição não é no passado, mas no presente que existe». Assim sucede neste particular de uma tradição *seareira*. Dá gosto lembrá-lo — reafirmá-lo — na comemoração do cinquentenário da revista.